

Corpos provocantes: Análise das representações de gênero e sexualidade na série *Sex Education* (2019)¹

Juliana PEREIRA²
João José de Santana BORGES³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Na contemporaneidade, nota-se uma variedade de produções midiáticas nas plataformas de streaming, entre elas está a série *Sex Education* (2019) que possibilita diferentes debates. Visto isso, esse trabalho tem como objetivo problematizar, mediante uma revisão teórica-metodológica, as efígies notadas na primeira temporada, com ênfase nos personagens Otis e Maeve. Para tanto, buscou-se analisar como o seriado representa o corpo, fundamentando-se nos estudos sobre mídia, gênero e representações sociais. Por fim, destacou-se a construção de jovens com atitudes distintas das esperadas pela sociedade patriarcal, performances subjetivas e provocações sobre os papéis de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Gênero; Representações; Sexualidade; Jovens.

INTRODUÇÃO

No contexto da crescente potencialização do streaming no mundo, várias produções midiáticas surgem com narrativas que cercam a vida humana contemporânea. Uma delas é a série britânica *Sex Education*, criada por Laurie Nunn e lançada em 11 de janeiro de 2019, na Netflix, plataforma de *streaming* americana mundialmente conhecida.

Em meio as diferentes personalidades narradas na série, os personagens Otis Milburn e Maeve Wiley foram escolhidos como objetos de estudo deste trabalho. Com o intuito de problematizar as representações percebidas durante o desenvolvimento desses componentes na primeira temporada da trama, buscou-se, mediante uma revisão

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Processos Midiáticos, Infâncias e Juventudes, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em multimeios da UNEB, e-mail: julianapereiradahora@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo em multimeios da UNEB e do PPGESA (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e territórios Semiáridos - UNEB), e-mail: jjborges@uneb.br

teórica-metodológica, analisar como *Sex Education* representa o corpo. Tendo como eixo temático os estudos sobre mídia, gênero e representações sociais.

Além disso, ressalta-se que essa investigação é fruto da pesquisa, realizada no projeto Corpoética (Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Educação, Comunicação e Saúde), “Corpos em transe: Representações de gênero e sexualidade na cultura de massa”, que está em andamento. Esse estudo visa examinar as efígies de gênero e sexualidade na sociedade de massa do século vigente, sob a interferência das mídias digitais, com o intuito de apreender a percepção de corpo enquanto sujeito cultural sob o paradigma da corporeidade, abordado pelo grupo de pesquisa Corpoética, e selecionar produtos da Indústria Cultural que pontuam as temáticas de gênero e sexualidade (BORGES, 2023, p. 8).

Mídia e representações: Otis e Maeve em foco

A mídia, como apresentada por Lilianny Alves Samarão (2008, p. 78), consolidou-se como a ferramenta de “[...] legitimação de práticas, ideias, estilos etc.”, onde, de acordo com a autora, as representações criadas validam e fortalecem discursos que propagam os padrões vistos como norma. Tendo isso em mente, é válido investigar as representações de gênero e sexualidade geradas na cultura de massa do século XXI para observar quais mensagens estão sendo difundidas.

Enquadrada nas categorias de comédia e drama, *Sex Education* (2019), logo na primeira temporada, mostra-se um produto repleto de temáticas e discussões interessantes, na perspectiva crítica e reflexiva de pensar o corpo, tendo como hipótese a observação de que a série abre espaço para debates sobre educação sexual e corporeidade. Além disso, destaca-se o enredo preenchido por personagens que durante a trama vão, por exemplo, compreender suas identidades, vivenciar a sexualidade, enfrentar questões de gênero e outras problemáticas.

Para investigar os novos produtos simbólicos que estão disponíveis pela cultura de massa é importante alicerçar-se na análise do discurso que, segundo Orlandi, parte da visão “de como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2003, p. 26, apud PAIVA, 2019, p. 18).

Ademais, é crucial reforçar que toda narrativa constrói representações sociais ligadas ao período em que foram desenvolvidas, tendo em vista que, de acordo com Paiva (2019),

Na escolha dos temas, nos gostos de época, na seleção do elenco, nas falas, nas caracterizações das personagens, nas necessidades da produção, nos lapsos dos criadores, nos enquadramentos, nas ausências e falhas de direção etc., pode-se encontrar um testemunho sobre o imaginário social e comportamentos de uma sociedade. (PAIVA, 2019, p. 316).

Como foco da história da série britânica, a vida do adolescente de dezesseis anos, Otis Milburn, filho de um casal divorciado de terapeutas sexuais, é apresentada. O jeito calmo e tímido de viver do protagonista, performado pelo ator britânico Asa Butterfield, é colocado à prova quando Maeve Wiley, coadjuvante interpretada pela atriz e modelo franco-britânica Emma Margaret, percebe as habilidades de comunicação e escuta do garoto, evidentemente obtida graças a influência da criação da mãe do personagem, a Dr. Jean Milburn.

Após notar a demanda urgente de uma figura como Otis no colégio e vislumbrar um possível novo meio de obtenção de renda, Maeve se oferece para ocupar o posto de secretária da clínica clandestina de terapia sexual, responsabilizando-se pela parte burocrática das consultas, como agendamento e pagamento, enquanto Otis fica encarregado de atender os outros jovens do colégio *Moordale*, frequentemente ambientado nessa produção audiovisual.

Enquanto o protagonista dá vida a clínica clandestina na escola que frequenta, com a intenção de tentar ajudar seus colegas a resolverem questões pessoais com a sexualidade, o jovem se desafia a escutar, entender as histórias de cada um e comunicar seus conselhos de forma cuidadosa. Nesse processo, Otis, que também enfrenta questões com sua própria sexualidade, se mostra fora de alguns padrões de masculinidade vigente na sociedade machista e patriarcal.

Tendo em vista que, de acordo com a cientista social australiana Raewyn Connell, “[...] as performances masculinas são múltiplas e organizadas de modo hierárquico” (CONNELL, 1995, apud CRUZ; BALISCEI, 2019, p. 104), torna-se relevante observar e pontuar a respeito das representações midiáticas de sujeitos masculinos dissonantes da sociedade atual, como a do protagonista da série *Sex Education*, Otis. Semelhantemente, Andrey Gabriel Souza da Cruz e João Paulo Baliscei (2019) pontuam que,

É preciso atribuir características àqueles que não necessariamente refletem as diretrizes impostas pela masculinidade hegemônica, como os sujeitos que se identificam com aquilo que Connell (1995) denomina como Masculinidades Cúmplices, Masculinidades Marginalizadas e Masculinidades Subordinadas (CRUZ; BALISCEI, 2019, p. 106).

A noção de masculinidade cúmplice apresentada por Connell (1995) abrange “os indivíduos que, por mais que não correspondam em fidedignidade aos padrões hegemônicos, flertam e propagam as ideias da masculinidade hegemônica, enaltecendo-a” (CONNELL, 1995, apud CRUZ; BALISCEI, 2019, p. 110). A masculinidade marginalizada está relacionada às “identidades socioeconômicas e étnico-raciais diferentes da ‘norma’” (p. 111). Já a masculinidade subordinada, possivelmente relacionada ao personagem analisado, é colocada mediante a expressão de traços que, “social e culturalmente, são associadas ao feminino - e consequentemente, na lógica hierárquica de gênero que subjuga e desqualifica o feminino, a masculinidade subordinada seria ‘inferior’ às demais” (p. 111).

Cruz e Baliscei (2019, p. 111) destacam que, “somos direcionados a associar a masculinidade subordinada aos homossexuais”, no entanto, ressaltam que ela não engloba apenas esse grupo, visto que homens que “não correspondem ao padrão de agressividade e virilidade do hegemônico também são percebidos como ‘inferiores’ por essa lógica, independentemente da sua identidade sexual”. Os autores argumentam que sujeitos que não partilham de interesses, atitudes e preferências dadas ao corpo masculino, potencialmente, serão intitulados como masculinidades subordinadas de acordo com o ambiente social em que se encontram.

Após elucidar tais conceituações de masculinidades, é possível compreender a representação de indivíduos como o Otis, que apesar de ser branco, hétero e cis, e portanto, ter acesso a determinados privilégios perante uma sociedade racista, patriarcal e transfóbica, ainda apresenta comportamentos que destoam do que é esperado dos sujeitos masculinos, como sua introspecção, sensibilidade e cuidado com os outros, principalmente com as coadjuvantes femininas, como a Maeve.

No terceiro episódio da série, há cenas que evidenciam essa postura cuidadosa do protagonista. Tudo começa quando Maeve pede a Otis para encontrá-la depois da aula. A princípio o jovem supõe que é para resolver alguma coisa relacionada a clínica, porém, Maeve nega essa hipótese. Ao mesmo tempo, ela não especifica onde será o

ponto de encontro, deixando-o apenas com um aviso de que irá mandar a localização por mensagem. Otis, mesmo com dúvidas, aceita o pedido da colega.

Em seguida, Otis compartilha sobre o convite com seu melhor amigo Eric, que sugere ser um encontro romântico. O que os dois não sabem é que Maeve está prestes a realizar um aborto em uma clínica especializada e precisará de alguém para buscá-la após o procedimento, devido ao regulamento da instituição. Na ausência de uma rede de apoio familiar, a personagem recorreu ao parceiro de negócios. Ao chegar no endereço, Otis percebe que há algum mal-entendido e surpreende-se com a verdade. No entanto, garante que irá esperar Maeve e levá-la para casa. Durante a espera, desconcertado, decide passar em um supermercado e se preocupa em comprar algum lanche para Maeve, optando por um sanduíche. Junto a isso também leva um pequeno buquê de flores.

Assim que Maeve é liberada e avista Otis na recepção, nota-se a emoção da personagem em realmente vê-lo ali. Nesse momento, Maeve diz “você esperou” e Otis anuncia “é claro”. Já no caminho que leva até onde Maeve mora, o adolescente faz questão de perguntar se ela está bem, entregar-lhe o sanduíche e, após uma pequena troca de relatos sobre suas famílias, as flores também. Instantes depois, os dois chegam no espaço onde fica o trailer em que Maeve vive e, em uma atitude muito atenciosa, Otis a acompanha até a porta, mesmo depois de ter sido dispensado. “Sozinha você pode sangrar ou ter uma hemorragia”, defende. Na despedida, Maeve dá um abraço em Otis. Esse gesto, entendido como um provável agradecimento ou demonstração de gratidão, reforçado logo depois com uma mensagem de texto dizendo “obrigada por hoje”, também mostra um lado reservado dessa personagem, vista como pouco afetuosa e que será analisada a seguir.

Nas primeiras aparições ou citações sobre Maeve Wiley há uma construção de uma persona enigmática e destemida. Maeve é uma jovem branca, heterossexual que, na primeira temporada, aparece com roupas e sapatos de tons escuros, lápis de olho preto e mechas rosadas nas pontas dos cabelos loiros. Sua caracterização é relevante, tendo em vista que ao comparar com outras personagens da trama há uma discrepância visual, pois ao lado dela todas parecem trajar vestimentas coloridas ou neutras demais. Além disso, Maeve se expressa de maneira incisiva, xinga e faz gestos considerados de baixo calão em diversos momentos. Esses comportamentos divergem da postura passiva,

recatada e contida esperada por parte das mulheres pela sociedade patriarcal que propaga padrões de feminilidade como norma para as pessoas do gênero feminino. Visto isso, é possível afirmar que Maeve não se encaixa no estereótipo de mulher ideal difundido e defendido pelo patriarcado.

O patriarcado é abordado aqui, tendo como base a perspectiva de Dahlerup (1987) que ressalta que

Se deve pensar no patriarcado como um fenômeno social e cultural, portanto, não natural, utilizado para denominar a subordinação feminina, que se estende em todas as sociedades até a contemporaneidade, modificando apenas o tipo de hierarquia, interdependência e solidariedade masculina em prol da dominação das mulheres (DAHLERUP, 1987, apud CARLA PAIVA, 2019, p. 54).

Ainda, destaca-se a colocação da pesquisadora Carla Conceição da Silva Paiva (2019) de que os estudos de gênero evidenciaram que a organização social da sociedade vigente esculpe os homens e as mulheres antes de seus nascimentos, ordenando imagens tradicionais que ecoam em “marcas hierárquicas e relações de poder” (PAIVA, 2019, p. 52). Conjuntamente, ressalta-se a percepção de Samarão (2008, p. 77) de que “as representações sociais estão ligadas diretamente ao imaginário da sociedade”, para defender que representações como a do Otis e da Maeve podem elucidar à configuração de novas subjetividades e corporeidades expostas na mídia contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observar a evolução dos personagens Otis e Maeve durante a primeira temporada de *Sex Education*, tendo como base as intersecções teóricas sobre mídia, gênero e representações sociais apresentadas, percebeu-se a construção de jovens com comportamentos destoantes dos esperados pela sociedade patriarcal. Além disso, notou-se a presença de performances de gênero e sexualidade subjetivas, que apontam, por meio das telas, para diferentes jeitos de ser e existir no mundo.

Assim, destaca-se que essas representações podem ser entendidas como positivas porque ao apresentar sujeitos provocativos, e com isso, evidenciar a possibilidade de expressões plurais de masculinidade e feminilidade, *Sex education* problematiza os papéis de gênero. Portanto, tendo em mente que, segundo Samarão (2008, p. 74), “[...] o indivíduo pode se reconhecer como protagonista das imagens, ou mesmo, espelhar-se”, torna-se plausível afirmar que a série exhibe indivíduos que

divergem das representações de gênero defendidas pelo patriarcado, mas também instiga as pessoas que se identificam ou não com representações semelhantes a do Otis e da Maeve.

REFERÊNCIAS

BORGES, João José de Santana. **Programa de Bolsas de Iniciação Científica: FIPP - Formulário de Projeto de Pesquisa**. Projeto de Iniciação Científica, SONIC (UNEB), 2023 (não publicado).

CRUZ, A. G. S.; BALISCEI, J. P. “**Não é uma fantasia, este sou eu**”: **Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019)**. Revista Crítica Histórica, Alagoas, v. 11, n. 22, 100–130, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rchv11n22.2020.0006>.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. **Feminismo no cinema brasileiro da década de 1980: a representação das mulheres nordestina nas telas**. Salvador: Eduneb, 2019.

SAMARÃO, Lilianny Alves. A mulher como embalagem do sistema: o corpo publicitário em debate. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **O Corpo representado: mídia, arte e produção de sentidos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 73-94.